

AS MÁSCARAS DA SOCIEDADE - IDENTIDADE, RAÇA E CLASSE

Mark Gregory Furtado Rosa¹
Marcus Vinicius Spolle²

RESUMO

A atividade desenvolvida nas turmas 2A e 3A de Sociologia da Escola Estadual de Ensino Médio Augusto Simões Lopes, em Pelotas/RS, promovido pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas, teve como objetivo provocar uma reflexão crítica sobre como representações sociais de raça, classe e gênero atravessam a construção da identidade, além de promover uma educação antirracista e a inclusão dos alunos. A partir de perguntas disparadoras sobre o significado da máscara e seu uso simbólico no cotidiano, buscou-se problematizar se ela revela ou oculta quem somos e como a sociedade impõe papéis e estereótipos que influenciam a forma como nos vemos e somos vistos. Após o diálogo inicial, cada estudante recebeu uma máscara em branco e foi orientado a representá-la com base em sua percepção de mundo e nas discussões anteriores sobre identidade, corpo e desigualdades. Durante a atividade, observaram diferentes formas de expressão. Em uma turma, um grupo de alunos que estavam sentados juntos produziram máscaras semelhantes, reproduzindo um mesmo padrão estético associado a ideais de beleza amplamente difundidos, evidenciando a força desses referenciais e influência direta no grupo. Em outros casos, as máscaras incorporaram críticas sociais: um estudante representou uma pessoa negra, questionando a ação recorrente entre pessoas negras e criminalidade; outro elaborou uma máscara marcada por cores e múltiplos elementos, indicando uma versão mais expressiva correspondendo a quem gostaria de ser. As variações de participação das turmas demonstraram que o ambiente coletivo condiciona o nível de exposição e elaboração das falas. Em alguns momentos houve maior aprofundamento e segurança; em outros, prevaleceram explicações mais breves e contidas, o que reforça a complexidade das questões trabalhadas. Usadas as contribuições de Lélia Gonzalez, Frantz Fanon e Erving Goffman, possibilitando assim compreender as máscaras como construções sociais presentes nas interações cotidianas.

Palavras-chave: Identidade; Racismo; Desigualdades de Classe; Máscaras Sociais; Representações.

INTRODUÇÃO

A identidade constitui uma das categorias centrais da análise sociológica contemporânea, especialmente quando articulada aos marcadores sociais da diferença, como raça, classe e gênero. Longe de ser um atributo natural ou essencial, a identidade é compreendida como processo social, historicamente construído, relacional e atravessado por estruturas de poder que condicionam as possibilidades de reconhecimento e pertencimento

1 Graduando do Curso de Ciências Sociais - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

E-mail: mark.gragoryfurtado015@gmail.com

2 Professor(a) Orientador(a). Doutor(a) em Sociologia. Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Coordenador(a) de Área PIBID – Sociologia.

E-mail: sociomarcus@gmail.com



dos sujeitos. (Hall.,2006) Nesse sentido, pensar identidade implica necessariamente discutir desigualdades, estigmas e mecanismos de reprodução social.

No contexto brasileiro, marcado por profundas assimetrias socioeconômicas e pela permanência do racismo estrutural, a construção identitária assume contornos ainda mais complexos. A naturalização de hierarquias raciais e de classe produz impactos diretos na forma como indivíduos se percebem e são percebidos socialmente, principalmente pelos efeitos da ideologia da democracia social (Fernandes, 2008) . A escola, enquanto instituição socializadora, participa ativamente desse processo, seja reproduzindo padrões normativos, seja abrindo espaços para sua problematização crítica.

O ambiente escolar não é neutro: nele circulam discursos, valores e representações que influenciam a constituição das subjetividades juvenis. As interações cotidianas entre estudantes, professores e demais agentes educacionais configuram um espaço privilegiado para observar como identidades são negociadas, performadas e, muitas vezes, tensionadas.

Assim, o ensino de Sociologia no Ensino Médio, como previsto na lei nº 11.645/2008 (LDB) e no documento da Base Nacional Comum Curricular (2018, p.634), apresenta potencial singular para fomentar reflexões críticas acerca das dinâmicas citadas, como: “articular identidades de classe, de raça e de gênero a processos de conflitos de classe, a formas de produção de violência e estigma e à formação de atores coletivos orientados para a luta por direitos” contribuindo para a formação cidadã inclusiva e anti racista no desenvolvimento da consciência social dos alunos. Ainda, em relação com a atividade proposta, as habilidade apresentadas no documento propõe: “(EM31CH03) Reconhecer a Sociologia como modo de leitura crítica da realidade social” (2018, p. 648) e também: “(EM32CH05) Identificar formas de preconceito, discriminação, intolerância e estigma.” (2018, p. 649).

É nesse horizonte que se insere a atividade “As Máscaras da Sociedade”, desenvolvida nas turmas 2A e 3A da Escola Estadual de Ensino Médio Augusto Simões Lopes, em Pelotas/RS, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Sociologia, vinculado à Universidade Federal de Pelotas. A proposta partiu da metáfora da máscara como recurso didático para problematizar as dimensões simbólicas da identidade e as formas pelas quais os sujeitos constroem imagens de si em interação com expectativas sociais.

A escolha da máscara como instrumento pedagógico não foi aleatória. Historicamente associada à ideia de ocultamento ou revelação, a máscara permite tensionar a dicotomia entre essência e aparência, deslocando o debate para a compreensão da identidade como performance social. Ao perguntar se a máscara revela ou oculta quem somos, buscou-se



provocar nos estudantes uma reflexão sobre os papéis que desempenham no cotidiano e sobre as pressões sociais que moldam comportamentos, corpos e discursos.(Strauss, 1999)

O objetivo central deste trabalho é analisar como a atividade proposta possibilitou a emergência de reflexões críticas sobre identidade, raça e desigualdade de classe no espaço escolar. De maneira mais específica, pretende-se compreender de que forma as produções simbólicas elaboradas pelos estudantes expressam tanto a reprodução de padrões hegemônicos quanto movimentos de contestação e ressignificação.

Parte-se da hipótese de que metodologias participativas e expressivas ampliam as possibilidades de problematização das desigualdades estruturais, especialmente quando articuladas a um referencial teórico consistente. Ao integrar produção artística, debate coletivo e fundamentação sociológica, a atividade buscou superar abordagens meramente expositivas, favorecendo o protagonismo estudantil e a construção compartilhada do conhecimento.

Desse modo, o presente artigo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se a metodologia adotada, detalhando os procedimentos didático-pedagógicos e analíticos; em seguida, desenvolve-se o referencial teórico que sustenta a análise, com base nas contribuições de Erving Goffman(1985), Frantz Fanon(2008) e Lélia Gonzalez(2008); posteriormente, discutem-se os resultados obtidos a partir das produções e falas dos estudantes; por fim, apresentam-se as considerações finais, destacando as contribuições da experiência para o ensino crítico de Sociologia e para a promoção de uma educação comprometida com a equidade social.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, orientada pelo pressuposto de que as produções simbólicas elaboradas pelos estudantes constituem material empírico relevante para a compreensão dos processos de construção identitária no espaço escolar. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a análise aprofundada das experiências, discursos e representações sociais manifestadas no contexto da prática pedagógica.

A atividade foi desenvolvida nas turmas 2A e 3A da Escola Estadual de Ensino Médio Augusto Simões Lopes, em Pelotas/RS, no âmbito das ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Sociologia. Participaram da proposta estudantes regularmente matriculados no Ensino Médio, cujas identidades foram preservadas, não



havendo identificação individual nas análises apresentadas. A intervenção pedagógica foi estruturada em três etapas articuladas e complementares:

1. Problematização inicial (aproximação conceitual)

O primeiro momento consistiu em um diálogo orientado por perguntas disparadoras, tais como: “O que é uma máscara?”, “Em quais situações utilizamos máscaras?” e “A máscara revela ou esconde quem somos?”. Essa etapa teve como objetivo mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes e introduzir a discussão sobre identidade como construção social. A problematização buscou deslocar a compreensão da máscara de seu sentido literal para sua dimensão simbólica, associando-a aos papéis sociais, às expectativas normativas e aos estereótipos.

2. Produção artística individual (materialização simbólica)

No segundo momento, cada estudante recebeu uma máscara em branco confeccionada em papel cartão. Foi solicitado que representassem, por meio de desenhos, cores e símbolos, como percebem a própria identidade ou como acreditam ser percebidos socialmente. Não foram estabelecidos critérios estéticos, com o intuito de garantir liberdade expressiva e evitar padronizações induzidas.

Essa etapa constituiu o núcleo empírico da atividade, pois permitiu a materialização simbólica das percepções identitárias, funcionando como instrumento de coleta de dados qualitativos.

3. Socialização e debate coletivo (análise compartilhada)

Na etapa final, os estudantes foram convidados a apresentar suas produções e explicar as escolhas realizadas. Esse momento possibilitou a verbalização das representações e o aprofundamento das reflexões, além de permitir a observação das dinâmicas de interação, níveis de exposição e formas de argumentação.



(fonte: arquivo pessoal)

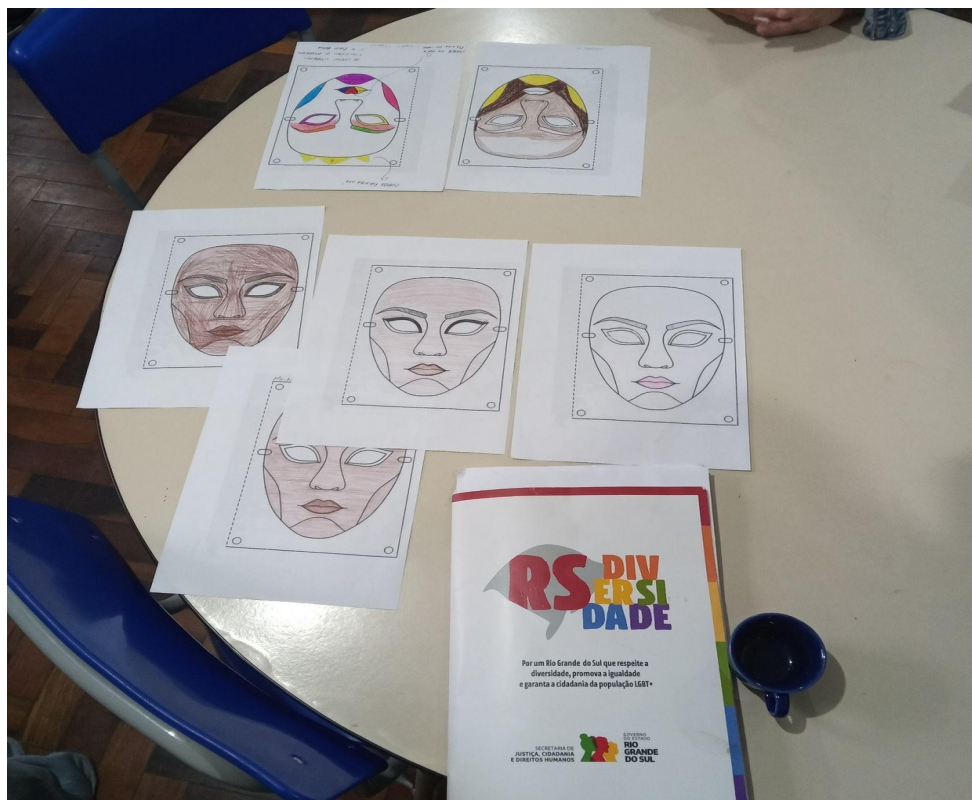
A socialização não teve caráter avaliativo, mas dialógico, priorizando a escuta e o respeito às experiências relatadas. Os dados foram constituídos por:

- Observações registradas durante o diálogo inicial e a socialização;
- Elementos visuais presentes nas máscaras produzidas;
- Falas espontâneas dos estudantes no momento de apresentação.

A análise foi realizada por meio de categorização temática, identificando recorrências, contrastes e elementos simbólicos centrais nas produções. As categorias emergiram do próprio material empírico, sendo posteriormente articuladas ao referencial teórico adotado. Foram identificados três eixos analíticos principais:

1. reprodução de padrões estéticos hegemônicos;
2. crítica explícita a estigmas raciais;
3. identidade como projeção aspiracional.





(fonte: arquivo pessoal)

O processo analítico buscou evitar interpretações reducionistas, considerando que as produções refletem tanto experiências individuais quanto influências estruturais mais amplas. Por tratar-se de atividade pedagógica integrada ao currículo escolar e sem identificação nominal dos participantes, não houve exposição individual dos estudantes. As análises apresentadas respeitam o anonimato e preservam as identidades envolvidas.

A proposta priorizou um ambiente de escuta e respeito, considerando a sensibilidade das temáticas relacionadas à identidade, raça e desigualdade social. A escolha por uma metodologia que articula expressão artística e reflexão teórica fundamenta-se na compreensão de que processos identitários nem sempre se expressam plenamente por meio da linguagem verbal formal. A produção simbólica amplia possibilidades de manifestação e favorece a emergência de percepções que poderiam permanecer silenciadas em abordagens exclusivamente expositivas. Além disso, a estratégia didática adotada aproxima teoria sociológica e experiência cotidiana, fortalecendo o protagonismo estudantil e promovendo aprendizagem significativa.



A experiência evidencia que práticas pedagógicas baseadas em recursos simbólicos e participativos podem constituir instrumentos potentes para o ensino crítico de Sociologia. A metodologia adotada favoreceu:

- Engajamento dos estudantes;
- Ampliação do debate sobre identidade e desigualdade;
- Desenvolvimento da argumentação crítica;
- Integração entre teoria e prática.

Assim, a proposta não se limitou a uma atividade artística, mas configurou-se como estratégia investigativa e formativa, articulando ensino, reflexão e produção de conhecimento no espaço escolar.

MARCO TEÓRICO

Identidade e Performance

Erving Goffman propõe compreender a vida social como uma encenação. Segundo o autor, quando um indivíduo se apresenta diante de outros, terá muitos motivos para tentar controlar a impressão que estes recebem da situação.

[...] quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão. (Goffman, 1985, p. 15)

Foi a partir desta metáfora que a dramática evidencia que os sujeitos constroem performances conforme expectativas sociais. As máscaras produzidas pelos estudantes simbolizam essa gestão de impressões e os papéis desempenhados no cotidiano escolar.

Racismo e Subjetividade



Frantz Fanon analisa a constituição da subjetividade negra em sociedades racializadas. Em sua obra clássica, afirma que sua aparência (negra) o aprisiona.

[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo”. Então tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. (Fanon, 2008, p. 94)

A citação revela como o racismo estrutura identidades a partir de estigmas. Algumas produções dos estudantes dialogam diretamente com essa dimensão, ao questionarem associações entre negritude e criminalidade.

Racismo e anti racismo no Brasil

Lélia Gonzalez denuncia a naturalização do racismo no contexto brasileiro. Conforme a autora, o racismo à brasileira é sofisticado porque se afirma negando a própria existência.

[...] cada vez mais, ele fará tudo para que os outros se esqueçam de que ele é negro; em consequência, seu comportamento será no sentido de provar que ele é mais branco do que qualquer branco. Cada vez mais alienado de si e de sua raça, não se apercebe dos comentários, dos olhares, das formas invisíveis ou disfarçadas do “racismo à brasileira”. Finalmente, acaba por negar a existência do racismo e da discriminação racial porque nunca quis sentir ou perceber nada disso com ele. (Gonzalez, 2020, p. 194)

Tal perspectiva foi fundamental para debater a reprodução de padrões estéticos hegemônicos presentes em nossa sociedade, trabalhando com os alunos a questão da inclusão, o respeito frente às questões raciais e desenvolvimento da reflexão anti racista na sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise permitiu identificar três eixos principais. O primeiro refere-se à reprodução de padrões hegemônicos de beleza, evidenciada por máscaras semelhantes produzidas por estudantes do mesmo grupo. Tal fenômeno pode ser compreendido à luz de Goffman (1985), como internalização de expectativas sociais.

O segundo eixo envolve a crítica ao racismo estrutural, observada na representação que problematizou a associação entre negritude e criminalidade. Essa produção revela deslocamento crítico em relação a estereótipos racializados.



O terceiro eixo corresponde à identidade como projeção aspiracional, expressa em máscaras com múltiplas cores e elementos simbólicos. Nesses casos, a identidade aparece como construção desejada, não apenas como imposição social.

Observou-se ainda que o ambiente coletivo influenciou o nível de aprofundamento das falas, indicando que a reflexão crítica depende de condições de escuta e segurança simbólica no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada demonstra que práticas pedagógicas fundamentadas teoricamente e metodologicamente participativas contribuem significativamente para o ensino crítico de Sociologia. A atividade das máscaras possibilitou a externalização de percepções sobre identidade, raça e classe, evidenciando tanto a reprodução de padrões quanto a emergência de posicionamentos críticos. Conclui-se que iniciativas dessa natureza fortalecem uma educação comprometida com a equidade social e com a formação cidadã.

Destaca-se, por fim, a necessidade de ampliação de práticas que articulem teoria sociológica e expressão simbólica, aprofundando o debate sobre desigualdades estruturais no contexto escolar.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), à Universidade Federal de Pelotas e à Escola Estadual de Ensino Médio Augusto Simões Lopes pelo apoio institucional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996..

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, p. 83-101. 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**, vol 2. São Paulo, SP: Globo, 2008.



GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: **Vozes**, p. 11-24. 1985.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: **Zahar**, p. 193-195. 2020.

STRAUSS, Anselm. **Espelhos e máscaras: a busca da identidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

STUART, Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Rio de Janeiro: ed. DP&A, 2006.

